

Educação parental positiva: uma proposta de intervenção

Positive parenting education: an intervention proposal

CAMILA BENÍCIO SILVA

Discente do curso de Psicologia (UNIPAM)
E-mail: camilabsilva@unipam.edu.br

MARIA LUÍZA CORRÊA

Professora orientadora (UNIPAM)
E-mail: marialuizac@unipam.edu.br

Resumo: Diante da relevância do aperfeiçoamento da educação parental e da interação familiar, a Disciplina Positiva (DP) aparece como um método inovador nesse âmbito. Para investigar se a orientação a pais pelo método da Disciplina Positiva contribui para a melhoria da interação familiar, a presente pesquisa ofereceu a duas mães orientação parental sob o enfoque da Disciplina Positiva. Essas mães foram convidadas a responder a um questionário antes do início e depois da finalização das orientações; seus filhos foram convidados a desenharem suas famílias antes do início e depois da finalização das orientações. Percebeu-se, por meio da análise de conteúdo dos questionários e dos desenhos, que o Grupo de Orientação possibilitou às mães tanto uma maior conexão com seus filhos, quanto uma maior capacidade de fazer um planejamento diante das atitudes indesejáveis de seus filhos, o que sugere uma melhoria na interação familiar depois das intervenções grupais. Percebeu-se também que houve uma mudança na visão das crianças sobre suas mães na configuração familiar. Sugere-se que mais pessoas se dediquem a pesquisar, sob o enfoque da Disciplina Positiva, o fenômeno da interação familiar, para que seja possível avaliar o quanto essa teoria pode contribuir para a melhoria da relação entre pais e filhos. **Palavras chave:** educação parental; Disciplina Positiva; interação familiar.

Abstract: Given the relevance of improving parenting education and family interaction, Positive Discipline (PD) emerges as an innovative method in this field. To investigate guidance to parents through the Positive Discipline method contributes to family improvement interaction, this study provided parenting guidance from the Positive Discipline approach for two mothers. These mothers answered a questionnaire before and after the orientation; their children were asked to draw their families before and after the guidance. It was noticed, through the content analysis of the questionnaires and the drawings, that the Orientation Group allowed the mothers to have a greater connection with their children, as well as a greater capacity to do planning when facing the undesirable attitudes of their children, which suggests an improvement in the family interaction after the group interventions. It is suggested that more people dedicate themselves to researching, under the Positive Discipline approach, the phenomenon of family interactivity so that it is possible to evaluate how much this theory can contribute to the relationship between parents and children.

Keywords: parental education; Positive Discipline; family interaction.

1 INTRODUÇÃO

A educação dos filhos tem sido tema de frequentes discussões encabeçadas por pais, professores e educadores em geral. A recorrência do tema pode ser explicada tanto pelo fato de pais e educadores se depararem com obstáculos no exercício de transmitir às crianças valores, padrões e normas de conduta – que garantam a essas crianças inserção social e desenvolvimento pleno de suas potencialidades – quanto pela responsabilização da família e da escola na ocorrência de desvios que podem se desenvolver nos indivíduos em fases posteriores à infância (BIASOLI-ALVES, 2005).

Muitos pais, possuindo reais preocupações com seus filhos e querendo se tornar pais melhores, têm recorrido à ajuda profissional, como aquela proporcionada pela orientação a pais, para auxiliá-los a responder a questões relacionadas à melhor forma de educar os filhos; à eficácia dessa educação para os desafios futuros; e às consequências dos seus comportamentos na vida futura de seus filhos (PARDO; CARVALHO, 2012; BIASOLI-ALVES, 2005).

De fato, a história e a hereditariedade, tem mostrado que a infância tem papel preponderante na vida dos indivíduos e, por isso, deve ser vivida da melhor maneira possível. Para que a infância ocorra de maneira saudável, os filhos precisam contar com os adultos para guiarem seus passos por um tempo razoável, visto que o ser humano possui a infância mais longa entre todas as espécies e sua maturação cerebral se finda por volta dos 30 anos. Dessa forma, as práticas parentais e a interação familiar são profundamente importantes (WEBER, 2012).

Diante da relevância do aperfeiçoamento da educação parental e da interação familiar, a Disciplina Positiva aparece como um método inovador nesse âmbito. De acordo com Santos (2018), a Disciplina Positiva é um conceito advindo do trabalho da educadora Jane Nelsen, embasado nos trabalhos de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs. Essa ferramenta de educação parental se orienta pelo respeito, pelo encorajamento, pela educação firmada na gentileza e na firmeza, de forma concomitante. Além disso, o trabalho de Jane Nelsen, de forma geral, objetiva favorecer o desenvolvimento de futuros adultos saudáveis e autônomos (SANTOS, 2018; NELSEN, 2016).

As investigações científicas sobre o exercício parental têm enfatizado a sua grande relevância no auxílio da criança em seu árduo percurso em direção à maturidade, visto que as práticas educativas influenciam no repertório comportamental dessas crianças. Diante disso, a orientação a pais se apresenta como uma tática muito utilizada nos contextos familiares, porque possibilita a reflexão a respeito de princípios e de questões relacionais, além de auxiliar os pais no desenvolvimento de práticas que aumentam seu desempenho em relação à educação parental (PARDO; CARVALHO, 2012; SCHAVAREM; TONI, 2019).

Dessa forma, auxiliar os pais na construção de uma educação parental de qualidade é investir no desenvolvimento de indivíduos mais saudáveis, tendo em conta que o exercício equivocado da parentalidade, como aquele típico do estilo parental negligente, pode contribuir para o desenvolvimento de baixa autoestima, de baixa autoeficácia, de problemas escolares e demais problemas de comportamento nas crianças e adolescentes (PARDO; CARVALHO, 2012; SCHAVAREM; TONI, 2019).

Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar se a orientação a pais pelo método da Disciplina Positiva contribui para a melhoria da interação familiar. Os objetivos específicos foram examinar se houve maior influência de uma das ferramentas da Disciplina Positiva na qualidade da interação familiar, em relação às outras ferramentas; pesquisar quais aspectos contribuíram para uma interação familiar de qualidade; averiguar se a oficina de Disciplina Positiva influenciou no modo como a criança percebe a si mesma no contexto familiar.

Por fim, este estudo se faz relevante considerando a fala de 40% das educadoras formadas em Disciplina Positiva em Nível-Educador – ou seja, aquelas que se dedicam ao ensinamento de pais – entrevistadas por Baluta (2019), que enfatiza a pouca divulgação e a carência de dados científicos acerca da prática da Disciplina Positiva (BALUTA, 2019).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E OS ESTILOS PARENTAIS

Apesar de a infância se caracterizar como uma fase curta do desenvolvimento humano, as experiências vividas pelo sujeito nesse recorte de tempo podem trazer desdobramentos importantes para toda a trajetória de vida. Os anos iniciais de vida da criança apresentam grandes oportunidades para a promoção da saúde, pois investir no cuidado e no bem-estar dessas crianças se liga, em longo prazo, ao desenvolvimento de benefícios.

Por outro lado, pela importância da família nessa fase da vida, o estabelecimento de interações disfuncionais entre cuidadores e filhos e a baixa estimulação infantil, por exemplo, são fatores de risco ao desenvolvimento, chegando a reverberar em manifestações comportamentais na infância e a influenciar na qualidade da saúde infantil (SCHMIDT; STAUDT; WAGNER, 2016; CID; MATSUKURA; CIA, 2015).

Partindo-se dessa realidade, é possível questionar o quanto a educação existente, especialmente aquela que parte do ambiente doméstico, possui um papel essencial na formação e no desenvolvimento dos indivíduos (BOECKEL; SARRIERA, 2006). Nessa perspectiva, de acordo com Boeckel e Sarriera (2006, p. 53),

[...] as relações que se estabelecem na família original com os cuidadores - sejam estes consanguíneos ou não -, assim como as relações que se formam com outros sistemas mais próximos (escola, parentes, amigos), são componentes fundamentais no modo como o indivíduo graduará a lente com que vislumbra o seu mundo. A família, sob esse aspecto, é um laboratório de vivências relacionais e de aprendizagens.

Em conformidade com Weber *et al.* (2004), desde a década de 1930, pesquisadores têm se preocupado em responder a questões relacionadas ao melhor

método de educação dos filhos e às consequências decorrentes desses diferentes métodos, especialmente no desenvolvimento das crianças. Na década de 1960, Baumrind (1966) enfatizou que há uma normalidade na autoridade dos pais exercida sobre os filhos. Para Baluta (2019, p. 82), há três tipos de modelo de estilos parentais, o autoritativo, o autoritário e o permissivo.

Essa divisão, posteriormente, na década de 80, segundo Baluta (2019, p. 82), foi complementada por “Maccoby e Martin (1983) pela abrangência de mais duas dimensões – exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*) – subdividindo o estilo permissivo em indulgente e negligente”. Dessa forma, os estilos parentais se dividem em quatro: autoritário, indulgente, negligente e autoritativo (BALUTA, 2019). Cada um desses estilos irá designar um tipo de relação entre pais e filhos e, em decorrência disso, influenciar tanto no desenvolvimento da criança, quanto nas suas relações com os genitores e com outras pessoas com quem se vincularem ao longo da vida (SANTOS, 2018).

Conforme Santos (2018), o estilo parental autoritário é caracterizado pela ação do cuidador que age de maneira muito firme e pouco gentil. O comportamento do cuidador é marcado pelo controle em relação às crianças, pela avaliação do comportamento filial de acordo com normas absolutas e preestabelecidas, pela valorização da obediência e pela concordância com medidas punitivas. De forma geral, a exigência é alta e a responsividade, ou seja, a demonstração de afeto, pouco visível, haja vista que a interação pais-filhos não é democrática (WEBER *et al.*, 2004; BALUTA, 2019).

Por sua vez, de forma objetiva, pais indulgentes são responsivos e não exigentes (WEBER *et al.*, 2004). Sendo assim, no comportamento desses pais, quase não há controle sobre a prole e as regras são abertas, o que é prejudicial ao desenvolvimento de responsabilidade e de maturidade das crianças. Como as cobranças e a imposição de limites são inexistentes, e a satisfação dos desejos dos filhos sempre presente, cabe à própria criança o seu autocontrole (BALUTA, 2019).

Em concordância com Santos (2018), o modelo de criação negligente é aquele utilizado por pais que são pouco gentis e pouco firmes. Em outras palavras, cuidadores negligentes “estão mais preocupados com suas próprias vidas, não se interessando pelas necessidades dos filhos” (BALUTA, 2019, p. 82). Contudo, convém diferenciar a negligência abusiva do estilo parental negligente. Enquanto o primeiro é aquele que ocorre quando os pais não suprem as necessidades básicas (físicas, sociais, psicológicas e intelectuais) dos filhos, o segundo se refere àqueles que não se envolvem com seus papéis de pais, de forma que os componentes da parentalidade vão diminuindo, chegando, às vezes, a desaparecer, restando uma relação funcional mínima entre pais e filhos (WEBER *et al.*, 2004). Ainda assim, o estilo parental de pais negligentes é muito nocivo, visto que os filhos desses pais apresentam “baixo rendimento escolar, sintomas depressivos e baixa autoestima” (WEBER *et al.*, 2004, p. 325).

Por fim, a parentalidade autoritativa é considerada a mais adequada dos estilos parentais, visto que há harmonia entre a exigência e a responsividade (BALUTA, 2019). Em outras palavras, de acordo com Weber *et al.* (2004, p. 324), neste estilo parental, “os filhos devem responder às exigências dos pais, mas estes também aceitam a responsabilidade de responderem, o quanto possível, aos pontos de vista e às razoáveis

exigências dos filhos”. Além disso, há estabelecimento de regras de maneira justa, há valorização do diálogo, há respeito e afeto pela criança. Enfim, os filhos que recebem esse tipo de parentalidade apresentam maiores níveis de assertividade, maturidade, conduta independente e empreendedora e responsabilidade social (WEBER *et al.*, 2004; BALUTA, 2019).

2.2 A DISCIPLINA POSITIVA

A Disciplina Positiva é um conceito formulado a partir do trabalho da terapeuta, educadora e mãe de sete filhos, Jane Nelsen. A estudiosa, embasada nos ensinamentos e na filosofia de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, formulou esse método educacional, que é orientado pelo respeito e pelo encorajamento. Adler foi um médico e psicólogo austríaco, que se destacou nas áreas psicoterápicas e pedagógicas, e “defendia igualdade para todas as pessoas, todas as raças, mulheres e crianças muito antes de isso se tornar popular” (NELSEN, 2016, p. 21). Dreikurs, por sua vez, depois da morte de Adler, continuou a desenvolver a psicologia adleriana, com o foco em ajudar pais e professores a compreenderem a prática dessa teoria para que, assim, as relações com as crianças em casa e na escola pudessem ser melhoradas (SANTOS, 2018; SOUZA; ALMEIDA, 2016; NELSEN, 2016).

Nessa perspectiva, pode-se inserir a Disciplina Positiva como ferramenta que possibilita o exercício da paternidade autoritativa, visto que, de acordo com Baluta (2019, p. 159),

[...] a Disciplina Positiva continua a se estruturar nas crenças e valores dos pais, porém empregadas de uma forma reflexiva e com a participação dos filhos, oportunizando a troca de experiências geracionais (o processo de inculcação passa a ocorrer em uma relação horizontal: adultos/crianças). A compreensão de que a parentalidade é um trabalho conjunto e cooperativo representa o primeiro estímulo a uma mudança comportamental e relacional, e se identifica com um estilo parental democrático (p. 159).

O postulado de Jane Nelsen, a Disciplina Positiva, busca auxiliar os pais e educadores a encontrarem harmonia no trato com as crianças, de forma que se encontre um equilíbrio entre a punição e a permissividade (BALUTA, 2019), visto que, “muita gentileza sem firmeza pode se tornar permissividade, e muita firmeza sem gentileza pode se tornar rigidez excessiva” (NELSEN, 2016, p. 26). Nesse sentido, a Disciplina Positiva afirma que há uma razão específica que motiva o comportamento infantil e que comportamentos considerados como “inadequados”, na maioria das vezes, partem da falta de encorajamento para com as crianças (REIS, 2012; NELSEN, 2016). Por isso, a Disciplina Positiva objetiva fornecer ferramentas práticas que contribuam para o estabelecimento de interações familiares e escolares respeitadas e saudáveis e para o desenvolvimento de crianças interessadas e autônomas. As principais ferramentas da Disciplina Positiva são: respeito mútuo, identificação do objetivo por trás da indisciplina,

boa comunicação e resolução de problemas, foco em soluções e não em punições, disciplina que educa e estímulo ou encorajamento (REIS, 2012).

Consoante Reis (2012), a qualidade dessas interações entre o cuidador e a criança pode influenciar em diferentes questões do desenvolvimento da criança ao longo da vida, como a autonomia, a independência financeira, a competência profissional e a realização pessoal. Além disso, para a autora, o investimento afetivo nessas relações é de suma importância, visto que esse investimento forjará o indivíduo a descobrir, criar, renovar e inventar.

As autoras bolivianas Santa Cruz e D'Angelo (2020) estudaram a Disciplina Positiva e o modo como as habilidades que são impulsionadas por essa teoria impactaram a inteligência emocional de adolescentes de um Centro Educacional feminino, localizado no distrito de Trujillo, no Peru. As estudosas trabalharam com um número de 51 alunos, aos quais foi aplicado o Inventário de Inteligência Emocional Bar-On. Como resultado, as autoras afirmaram que houve fortalecimento moderado e estatisticamente significativo da inteligência emocional do grupo, bem como aumento relevante de cada dimensão da inteligência emocional, exceto da dimensão gerenciamento de estresse (SANTA CRUZ; D'ANGELO, 2020).

3 METODOLOGIA

3.1 DESENHO DA PESQUISA

Foi feita uma pesquisa qualitativa, buscando extrair desse método a possibilidade de examinar os conteúdos de forma profunda. As informações obtidas nos formulários e nas frases feitas pelas crianças foram submetidas à análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Os desenhos, por sua vez, foram submetidos a uma análise na perspectiva histórico-cultural (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008) e às ideias de Cunha *et al.* (2007).

3.2 ANTECEDENTES DA PESQUISA

Inicialmente, realizou-se uma reunião com a Direção de uma instituição de ensino de Patos de Minas (MG), que atende ao público infantil, com o objetivo de apresentar à direção a proposta do Grupo de Orientação a Pais, verificando, assim, o interesse dessa instituição em divulgar o projeto para os pais dos alunos. A comissão organizadora apresentou à direção do colégio uma programação de 4 encontros, de 2h de duração – em que o primeiro consistiria em uma palestra explicativa sobre a importância da educação parental e em uma oportunidade para convidar os pais para participar do Grupo de Orientação a Pais, que ocorreria nas segundas-feiras às 17h30. Depois das devidas autorizações da instituição de ensino, iniciou-se a divulgação do Grupo aos pais de alunos matriculados naquele colégio, ou seja, com filhos de três a sete anos.

3.3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

O primeiro passo ocorreu na própria instituição de ensino, na cidade de Patos de Minas (MG) e contou com a participação de cinco genitores, sendo dois casados. Ao final do encontro, os pais receberam uma folha para que respondessem às seguintes perguntas: “Como você vê sua família?” e “Quais são as suas expectativas para esse Grupo de Orientação a Pais?”. A partir do segundo encontro, o número de participantes diminuiu para dois, sendo que estas duas pessoas foram as únicas participantes nos demais encontros. Tais participantes foram identificadas como Alice e Malu — Alice é mãe de Maria Clara, que possuía, no desenrolar do estudo, três anos; Malu é mãe de João Miguel, que, no momento do estudo, também possuía três anos.

Os encontros realizados foram baseados nas Oficinas de Disciplina Positiva e dispostos da seguinte forma:

Tabela 2: Descrição dos encontros realizados no Grupo de Orientação a pais

Encontro	Tema	Objetivos
1º	Apresentação (Conceitos iniciais e estilos parentais)	- Conhecer os participantes; - Apresentar os princípios da Disciplina Positiva; - Refletir sobre os estilos parentais;
2º	Objetivos equivocados	- Compreender como a criança se comporta e o que está além dos “maus” comportamentos; - Pensar em alternativas para lidar com os comportamentos desafiadores das crianças;
3º	Estabelecendo limites com as crianças	- Refletir sobre estratégias para lidar com a insistência diante de algo; - Compreender e experienciar ferramentas para estabelecer limites com gentileza e firmeza ao mesmo tempo;
4º	Encorajamento e feedback	- Promover um momento de acolhimento e feedback dos aprendizados obtidos ao longo dos encontros;

Fonte: elaborado pelas autoras, 2023.

No dia seguinte ao primeiro encontro, em um encontro à parte, em horário escolar cedido pela escola, uma das pesquisadoras se reuniu com os alunos cujos pais participaram do primeiro encontro do Grupo de Orientação a Pais e também assinaram o TCLE e o TALE. A pesquisadora pediu que os alunos fizessem um desenho de sua família e respondessem, ao lado do desenho, à seguinte pergunta: “Como vejo minha família?”. Entretanto, devido à pouca idade dos participantes que atenderam aos critérios de inclusão na pesquisa, três e quatro anos, ao serem questionados, não responderam à questão proposta, fazendo, assim, somente o desenho. Ao final, os desenhos foram recolhidos pelas organizadoras para futuras análises.

Por fim, depois do encerramento do Grupo de Orientação a Pais, os pais responderam a um novo formulário que continha as seguintes perguntas: “Quais foram os impactos causados pelo Grupo de Orientação a pais na interação da sua família?” e “Qual ferramenta da Disciplina Positiva teve maior contribuição para esse impacto?”. Da mesma forma, pediu-se também que as crianças, ao final do projeto, fizessem um

novo desenho de sua família, que foram recolhidos novamente pelas pesquisadoras para que pudessem ser analisados.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Ao final do primeiro encontro, foi pedido que os pais formalizassem a sua participação e a participação de seus filhos na pesquisa por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis, sendo este último referente à participação de seus filhos.

Com o intuito de preservar a integridade das crianças e de seus pais, mas também objetivando afirmar que essas pessoas são – tanto pais quanto crianças – sujeitos da história, da cultura, do conhecimento e da pesquisa, optou-se por suprimir seus nomes verdadeiros e substituí-los por nomes fictícios escolhidos por cada participante. Também foi evidenciado, no momento da escolha dos nomes, o critério de não escolher nomes de figuras artísticas ou personagens famosos (KRAMER, 2002).

3.5 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

Quanto aos critérios de inclusão na análise deste trabalho, optou-se pelos seguintes: pais que tivessem seus filhos (de 3 a 7 anos) matriculados na instituição coparticipantes e que aceitassem os termos da pesquisa e tivessem disponibilidade para participar da oficina de Disciplina Positiva; e crianças de 3 a 7 anos, cujos pais tivessem participado da oficina de Disciplina Positiva.

Quanto aos critérios de exclusão, optou-se pelos seguintes: pais que não tivessem disponibilidade para participar da oficina de Disciplina Positiva e que tivessem filhos em faixa etária diferente de 3 a 7 anos; e crianças que tivessem faixa etária diferente de 3 a 7 anos.

3.6 RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA

Entre os benefícios proporcionados aos participantes deste estudo, incluiu-se os seguintes: os pais puderam se beneficiar do aprendizado e da experimentação de práticas relacionadas ao exercício parental saudável como contribuintes positivos para a melhoria das relações familiares e entre pais e filhos; as crianças puderam se beneficiar de uma melhor interação familiar e de uma possibilidade de refletir sobre a família em dois momentos diferentes.

Entre os riscos e os desconfortos possíveis de serem gerados pela pesquisa, pode ser salientada a necessidade de despendimento de tempo para a presença nos encontros na oficina de Disciplina Positiva e o desconforto em responder aos instrumentos de avaliação.

Para minimizar os riscos e desconfortos que, eventualmente, fizeram-se presentes durante o projeto, foi oferecido ambiente adequado e suporte e atenção qualificada aos participantes. Essas providências foram tomadas em todos os momentos da pesquisa, incluindo o antes e o depois.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS ABERTOS ANTERIORES À REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES COM PAIS

Como dito anteriormente, no primeiro encontro os participantes receberam um formulário que continha estas perguntas: “Como você vê sua família?” e “Quais são as suas expectativas para esse Grupo de Orientação a pais?”. Em resposta ao primeiro questionamento, obtiveram-se as seguintes respostas:

Vejo minha família passando pelo melhor momento de nossas vidas, com dois filhos lindos e saudáveis, apesar de todo cansaço que estamos, acredito que estamos na melhor fase com eles, mas com muitos desafios que a educação tem nos trazido (Malu, mãe de João Miguel).

Já a outra participante, respondeu de tal forma:

Me perdi nessa pergunta. O que seria família? Pensei que talvez poderia ir além do conceito tradicional de conjunto de parentes de uma pessoa ou grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto. Pra mim, a minha família pode ser lugar, pessoas, sentimentos e sensações. É LUGAR de abraço apertado, abrigo de emoções, refúgio, escola, amparo e acolhimento. São as minhas PESSOAS preferidas no mundo. É um misto de SENSACIONES E SENTIMENTOS. A minha família tem gosto de ceia de Natal e de almoço do dia-a-dia igualmente. Pode ter cara de sábado badalado e de tédio de domingo... é amor, cumplicidade, lealdade, resiliência, respeito. Enfim...eu vejo a minha família como um lugar comum de gente diferente, junta e misturada.... E o mais importante: a minha família cabe a gente... do nosso tamanho (Alice, mãe de Maria Clara).

Em resposta à segunda questão, Malu e Alice, afirmaram, respectivamente:

O grupo veio em excelente hora, para nos ajudar a lidar com situações que ainda não tínhamos vivenciado, pois a impressão que eu tinha é que meus filhos só me escutavam quando eu gritava ou ameaçava bater, e perdia a paciência. A minha expectativa é ser uma mãe melhor para os meus filhos (Malu, mãe de João Miguel).

A minha expectativa em relação ao grupo é de compartilhar experiências e ensinamentos com os outros

pais e profissionais. Acredito que essas vivências e partilhas me ajudarão a educar de forma a equilibrar gentileza, firmeza e respeito (Alice, mãe de Maria Clara).

Diante do que foi respondido em relação à família, percebe-se que, mesmo não havendo modelos únicos de configuração familiar na contemporaneidade, a família, no geral, continua a funcionar como um “útero social”, ou seja, um espaço privilegiado de convívio, afeição e acolhimento, espaço este que também é cenário de situações conflituosas e desentendimentos entre os seus membros. Dessa forma, conclui-se que na vida familiar pode haver emoções tanto positivas quanto negativas, que, por vezes, ocorrem de forma simultânea (LINS *et al.*, 2015).

Por outro lado, um aspecto observável na família contemporânea é a procura por soluções para situações familiares conflituosas, principalmente daquelas que se relacionam com a educação parental, tendo em vista que os genitores não somente se preocupam profundamente com suas crianças, mas também anseiam por desempenhar com excelência seus papéis de educadores (LINS *et al.*, 2015; PARDO; CARVALHO, 2012). Tal realidade pode ser apreendida da fala de Malu, que exprime seu desejo de encontrar no Grupo de Orientação soluções para os desafios da educação de seus filhos.

A partir da fala de Alice, nota-se uma outra característica importante dos grupos terapêuticos, que é o caráter colaborativo, em que as informações partilhadas não são trazidas somente pelo terapeuta, mas também há uma troca de experiências entre os próprios cuidadores e entre cuidadores e terapeutas. Diferentemente da abordagem individual, a abordagem grupal propicia uma experiência entre os participantes de conexão, de acolhimento e de compreensão, bem como a identificação de problemas comuns, a ajuda mútua e o sentimento de autoeficácia. Tal realidade contribui para a eficiência dos trabalhos desenvolvidos no grupo (NEUFELD *et al.*, 2018).

4.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS ABERTOS POSTERIORES À REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES COM PAIS

Ao final do Grupo de Orientação a pais, os participantes receberam um novo formulário que continha as seguintes perguntas: “Quais foram os impactos causados pelo Grupo de Orientação a Pais?” e “Qual ferramenta da Disciplina Positiva teve maior contribuição para esse impacto?”. A esses questionamentos, Malu respondeu desta forma:

Nos dias que tínhamos a reunião na escola, eu sentia uma paz interior e chegava em casa com o sentimento que eu vou conseguir agir diferente com os meus filhos, com muito mais amor e paciência com eles. Sou muito grata a todas que me apresentaram a Disciplina Positiva e a paciência e carinho que sempre tiveram em ouvir os meus desabafos. Havia dias que eu sentia que os meus filhos me escutavam e eram mais carinhosos.

Não saberia citar uma ferramenta específica da Disciplina Positiva, mas sou muito grata às mediadoras por terem me apresentado a ela, que mudou a minha forma de pensar e agir com os meus filhos. Em um dos encontros que tivemos, encenamos e depois lemos e meditamos sobre a “Carta de uma criança”, e sempre que estou ficando nervosa, brava ou perdendo a paciência com os meus filhos, me lembro dessa carta e tento agir diferente.

Alice, por sua vez, respondeu às questões da seguinte maneira:

O grupo me ajudou a criar recursos de conexão com a minha filha e a reconhecer momentos em que eu também preciso de um “respiro”. Sair de cena para me acalmar e explicar para ela que eu também preciso desse instante tem sido muito importante para ela ver que todos nós passamos por situações emocionais que precisamos validar, digerir e só depois seguir em frente. Mostrar pra ela que eu reconheço as minhas emoções e as acolho tem sido um grande exemplo. Hoje ela já consegue reconhecer e distinguir alguns sentimentos e isso tem feito ela criar recursos para lidar com eles.

Acredito que seja um conjunto de ferramentas que contribuiu para esse impacto. Como já descrito, aplicar o tempo fora tem nos ajudado bastante. A mudança de foco, combinar o que fazer (exemplo: esse será o último desenho, depois vamos desligar, combinado?), buscar solução pra resolver o conflito juntos são só alguns exemplos.

Ao ler o relato de Malu, de modo geral, percebe-se que, por meio da participação dessas mães no Grupo de Orientação a pais, elas experimentaram uma sensação de bem-estar, que é expressa por B como uma “paz interior”. Schwingel (2021), ao abordar um estudo com pais participantes de um programa de educação parental, afirma que, depois da participação no programa, os pais adquiriram não só ferramentas mais assertivas para educar seus filhos, mas também uma perspectiva mais positiva sobre a própria vida. Tal realidade corrobora a fala de B, tendo em vista que, nos dias em que havia o Grupo de Orientação, ela afirmava vivenciar uma sensação de paz, e após o grupo enxergava que seu agir diante dos filhos era mais amoroso e paciente e que seus filhos eram mais carinhosos e dispostos a escutar.

No relato de Alice, percebe-se um conceito importante no trabalho de Jane Nelsen, a conexão. Nelsen (2016) assevera que perceber-se conectado é um dos principais fatores que modulam a qualidade da vida escolar das crianças, tanto no aspecto acadêmico quanto no aspecto relacional. Além disso, considera-se no arcabouço teórico da Disciplina Positiva que a conexão vem antes da correção, visto que a conexão dos pais

com os filhos é a ferramenta educacional mais poderosa, da qual dependem todas as outras possíveis intervenções (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018).

Ademais, da fala de Alice, apreende-se a ferramenta da Disciplina Positiva chamada de “pausa positiva”, que consiste em, diante de uma situação que suscita emoções efusivas, retirar-se para um local apropriado para acalmar-se antes de agir. Segundo os autores, quando os pais se sentirem impelidos a punir fisicamente seus filhos, eles devem interpretar esse ímpeto como sinal de que eles devem cuidar de si mesmos, por meio de uma pausa positiva, haja vista que a exaustão e o estresse podem influenciar bons pais a agirem de formas não desejadas, que suscitarão depois arrependimento (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018).

Por fim, outro ponto importante encontrado na fala de Alice são as ideias de “respeito mútuo” e de “combinados”, presentes na Disciplina Positiva. O respeito mútuo pode ser expresso na atitude de avisar a criança sobre o que é necessário que ela faça naquele momento, e não simplesmente interrompê-la bruscamente de uma atividade em que ela está totalmente absorta. Os “combinados”, por seu turno, consistem em acordar com a criança uma determinada ação, como ler uma história, e ser fiel, com gentileza e firmeza, a esse acordo (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018).

4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS ANTERIORES À REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES COM PAIS

A respeito do desenho infantil, para a perspectiva histórico-cultural em Psicologia, é de igual importância tanto o processo de se tecer o desenho, quanto o produto final obtido ao final desse processo. Em concordância com Natividade, Coutinho e Zanella (2008, p. 10), “[...] a) a figuração reflete o conhecimento da criança; e b) seu conhecimento, refletido no desenho, é o da sua realidade conceituada, constituída pelo significado da palavra”. Partindo-se desse pressuposto, percebe-se que a significação que o desenhista atribui à sua obra é de elevada importância para a compreensão do produto final.

Por outro lado, o desenho por si só é uma forma de expressão da imaginação e da criatividade do indivíduo. Na criança, a arte constitui a principal ferramenta de expressão, visto que é possível perceber, por meio da observação da criança em suas atividades artísticas, o que e como ela se sente, o que e como ela pensa, e o que e como ela percebe o mundo à sua volta (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008).

Inicialmente, nesta pesquisa, buscou-se pedir que a criança não só confeccionasse o desenho, mas também verbalizasse como ela via sua família, objeto de sua produção gráfica, objetivando, desse modo, que a análise contemplasse tanto o produto final, quanto a significação dada pelo autor à representação (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Contudo, a captação de tal significação não foi possível de ser realizada de maneira completa, visto que as crianças não quiseram responder à questão e limitaram-se somente a verbalizar quem elas estavam desenhando e algumas questões referentes à intencionalidade do desenho.

Os primeiros desenhos, confeccionados logo após o primeiro encontro e antes das intervenções começarem, foram feitos em uma sala somente com a criança e com uma das pesquisadoras. A criança poderia escolher utilizar qualquer material dentre os

que foi colocado à sua disposição — canetinhas, giz de cera, lápis de colorir etc. Depois da finalização do trabalho, a pesquisadora perguntava à criança como ela via sua família e pedia que esta indicasse quem ela havia representado no desenho. Nesse caso, a primeira pergunta não foi respondida por nenhuma das crianças.

Figura 1: Desenho de João Miguel confeccionado antes do Grupo de Orientação a Pais



Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Cunha *et al.* (2007), ao falarem sobre o desenho da família, afirmam que os estudos costumam direcionar mais seus esforços de pesquisa para os sentimentos do desenhista a respeito daqueles que desenhavam do que para as características individuais das pessoas desenhadas. Partindo-se dos desenhos que ilustram a família, é possível formular hipóteses sobre como o indivíduo vê a família e como ele vê a si mesmo nesta família (CUNHA *et al.*, 2007).

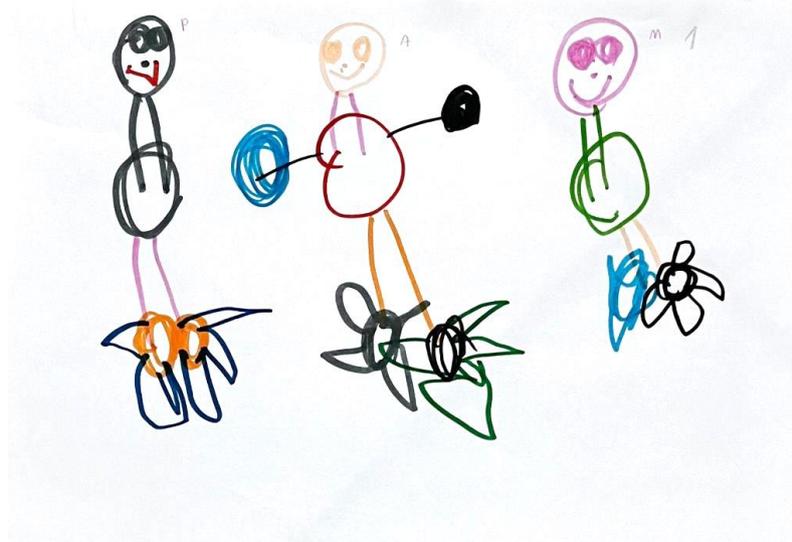
No desenho acima, percebe-se que o tamanho das figuras é uma das características mais expressivas, o que corrobora a ideia de Cunha *et al.* (2007) de que o tamanho é uma das características mais importantes. Nota-se que a figura central, apontada pela criança como o pai, apresenta maior extensão em relação aos demais, enquanto a figura materna, que está na lateral direita, apresenta um tamanho muito semelhante ao do autor, representado pela figura na lateral esquerda. Nota-se também a pequena figura da irmã mais nova, situada entre os genitores.

Conforme Cunha *et al.* (2007), o tamanho dos indivíduos desenhados pode significar tanto uma relação de tamanho e idade, quanto uma referência ao poder. A partir do desenho acima, supõe-se que há um misto das duas hipóteses, visto que a irmã mais nova foi desenhada muito menor – o que pode indicar relação com a idade – e que a mãe foi desenhada quase do mesmo tamanho do autor, o que pode indicar algum déficit de dominância. Sendo assim, o desenho é sugestivo de que, na visão da criança, o pai assumia um papel de maior dominância no contexto familiar e a mãe divide com o autor um papel de poder secundário.

Outro aspecto observável na produção e abordado no estudo de Cunha *et al.* (2007) é a proximidade ou o afastamento das figuras. É visível que o autor se colocou ao

lado do pai, enquanto colocou a irmã entre os pais, sendo que esta está um pouco mais próxima da mãe. Tal disposição pode apontar para diferentes preferências relacionais segundo a percepção de João Miguel. Sendo assim, partindo-se da perspectiva do desenhista, a irmã mais nova se relacionaria de maneira mais próxima em relação aos dois genitores, sendo que essa proximidade seria mais notória com a mãe, enquanto João Miguel se relacionaria de maneira mais próxima do pai (CUNHA *et al.*, 2007).

Figura 2: Desenho de Maria Clara confeccionado antes do Grupo de Orientação a Pais



Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Ao analisar o desenho acima, percebe-se que, apesar da diferente idade dos indivíduos representados, todos apresentam a mesma estatura, corroborando a ideia de que essa obra não mantém ligação com a idade. Como citado anteriormente, Cunha *et al.* (2007) afirmam que isso pode indicar uma visão de igual importância entre os membros da família na perspectiva da criança. Contudo, é notório que Maria Clara representou a si mesma com os braços estendidos, ao passo que não desenhou esses membros nos genitores. Segundo Cunha *et al.* (2007), tal representação pode sugerir uma tentativa de controle do ambiente.

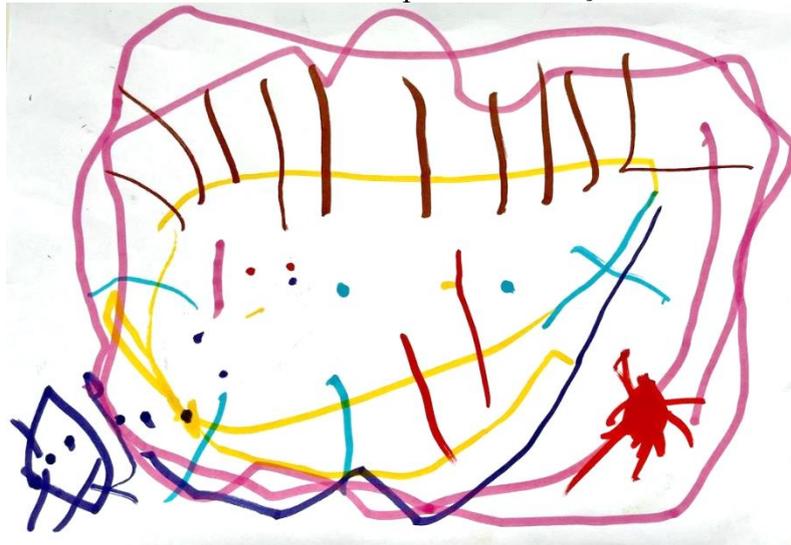
Quanto à distribuição dos indivíduos no desenho e o distanciamento entre essas figuras, não é possível perceber relevante aproximação ou afastamento que justifique um olhar analítico. O que é passível de análise é o fato de a criança ter representado a si mesma no centro da produção. Tal realidade pode apontar para o fato de Maria Clara ser a personagem principal no contexto familiar, com a qual os membros, de forma semelhante, estabelecem relações significativas (CUNHA *et al.*, 2007).

4.4 ANÁLISE DOS DESENHOS POSTERIORES À REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES COM PAIS

Depois do encerramento dos encontros, repetiu-se o exercício inicial com as crianças. Novamente, foi pedido que elas desenhassem suas famílias e que respondessem ao questionamento de como elas viam essa família. Como aconteceu na

primeira tentativa, as crianças limitaram-se a indicar quem elas estavam representando, e, no caso de Maria Clara, a verbalizar sua intenção de desenho antes de iniciar a produção em si. Este aspecto é importante haja vista que o desenho também é produto de uma ação intencional, que abrange aspectos cognitivos e emotivos (RODRIGUES, 2010).

Figura 3: Desenho de João Miguel confeccionado após o encerramento do Grupo de Orientação a Pais



Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Nesse desenho, ao contrário do primeiro, as figuras representadas ficaram mais indistintas, contudo, por meio da verbalização do desenhista, foi possível distinguir essas figuras, o que é semelhante ao trabalho de Natividade, Coutinho e Zanella (2008), que recorreram às verbalizações para poder compreender, de fato, o que foi desenhado pela criança.

Um dos aspectos mais chamativos do desenho é a diferenciação do tamanho entre os desenhos. Ao contrário da primeira produção de João Miguel, esta produção traz os cuidadores representados em tamanhos muito diferentes do dos filhos, sendo que, dessa vez, a mãe – a figura colorida de rosa – é a maior figura da obra. Como citado anteriormente, tal tamanho pode indicar que a mãe passou a ser uma figura mais protagonista no contexto familiar (CUNHA *et al.*, 2007).

Diferentemente do primeiro desenho de João Miguel, neste não é possível perceber na disposição dos indivíduos indícios de como está, na perspectiva da criança, as relações preferenciais entre cuidadores e filhos. Dessa vez, os filhos ocuparam os lugares laterais, enquanto os pais estão no centro, o que pode ser indicativo de uma importância maior dos pais no ambiente familiar, partindo da visão de João Miguel. (CUNHA *et al.*, 2007).

Figura 4: Desenho de Maria Clara confeccionado após o encerramento do Grupo de Orientação a Pais



Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Antes de começar a desenhar, Maria Clara afirmou que só queria desenhar a mãe. Tal intenção, ainda que a pesquisadora tenha pedido que ela desenhasse toda a família, foi executada no desenho e mantida até o final. De forma distinta à primeira produção, dessa vez Maria Clara não só optou por desenhar somente a mãe, como também quis desenhar a sua casa, como foi indicado pela criança ao final da atividade.

De acordo com Cunha *et al.* (2007), quando há uma ênfase de uma figura por parte do autor do desenho, há identificação de uma característica marcante daquela pessoa ou um envolvimento específico entre o desenhista e a pessoa retratada, enquanto braços estendidos – como apresentado na figura – podem denotar uma tentativa de domínio do ambiente. Ademais, o personagem que é representado de forma principal é aquele que troca relações especialmente significativas com o emissor do desenho, relações estas que podem ser de admiração, identificação, medo etc. (CUNHA *et al.*, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao objetivo geral e aos objetivos específicos, é perceptível que alguns deles foram alcançados, mesmo que de forma limitada. Percebeu-se, principalmente pelas falas das mães, que o Grupo de Orientação possibilitou a elas tanto uma maior conexão com seus filhos, quanto uma maior capacidade de fazer um planejamento, de ter paciência e agir com amor perante as atitudes indesejáveis de seus filhos, o que sugere uma melhora na interação familiar após as intervenções grupais.

No que se refere às ferramentas da Disciplina Positiva que contribuíram para essa melhoria, não foi possível apontar uma especificamente, haja vista que as mães atribuíram as melhorias ao todo, ou seja, ao conjunto de técnicas e experiências vividas no grupo. Quanto aos contribuintes para uma boa interação familiar, por meio dessa pesquisa foi notório que, na Disciplina Positiva, o fator mais preponderante é a conexão

entre pais e filhos, que deve preceder a correção propriamente dita. Quanto à mudança da visão da criança sobre a própria família, pôde-se perceber uma alteração na configuração da mãe, demonstrando para ambas as crianças maior presença materna na configuração familiar. Isto pode demonstrar que, após a realização dos encontros, as crianças perceberam maior conexão com a mãe.

Por fim, devido à baixa adesão dos pais e mães ao Grupo de Orientação a Pais, de forma principal, notou-se que a amostra ficou muito limitada para que fosse possível fazer uma relevante análise quantitativa. Diante disso, sugere-se que mais pessoas se dediquem a pesquisar, sob o enfoque da Disciplina Positiva, o fenômeno da interação familiar, com um maior número de famílias, de diferentes contextos e culturas, para que seja possível avaliar o quanto essa teoria pode, de fato, contribuir para a melhoria da relação entre pais e filhos.

REFERÊNCIAS

BALUTA, M. C. **O *habitus* dos castigos físicos e a Disciplina Positiva na perspectiva de capacitadores nível educador**: construção social do direito da criança a uma educação não punitiva período de 2003-2018. 2019. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 887-907. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1126611>.

BOECKEL, M. G.; SARRIERA, J. C. Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 53-65, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300007&lng=pt&nrm=iso.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. (Esp.), p. 64-70, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000500008>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S.; CIA, F. Relações entre a saúde mental de estudantes do Ensino Fundamental e as práticas e estilos parentais. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 504-513, 2015. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/306>.

CUNHA, J. A. *et al.* **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2007. v. 5.

KRAMER, S. A autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>.

LINS, Z. M. B. *et al.* O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100005&lng=pt&nrm=iso.

NATIVIDADE, M. R. da; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822008000100002.

NELSEN, J. **Disciplina Positiva**. 3. ed. Barueri: Manoele, 2016.

NELSEN, J.; ERWIN, C.; DUFFY, R. A. **Disciplina Positiva para crianças de 0 a 3 anos: como criar filhos confiantes e capazes**. Barueri: Manoele, 2018.

NEUFELD, C. B. *et al.* Programa de orientação de pais em grupo: um estudo exploratório na abordagem Cognitivo-Comportamental. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 33-43, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-12472018000300004&lng=pt&nrm=iso.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. de. Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 80-87, dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.52.02>.

REIS, A. M. **O papel da Disciplina Positiva em casa e na escola: suas implicações sobre o desenvolvimento infantil**. 2012. 71 f. Monografia (Especialização em Educação e Desenvolvimento Infantil), AVM Faculdade Integrada, Rio de Janeiro, 2012.

RODRIGUES, M. H. Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 8, jan./jul. 2010. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/542>.

SANTA CRUZ, F. F.; D'ANGELO, G. Disciplina Positiva para el desarrollo de las habilidades emocionales. **Revista de Psicología**, La Paz, n. 24, p. 53-74, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-30322020000200005&lng=es&nrm=iso.

SANTOS, M. C. da S. **A Disciplina Positiva como alternativa aos outros modelos de educação**. 2018. 39 f. Monografia (Graduação em Psicologia), Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2018.

SCHAVAREM, L. do N.; TONI, C. G. de S. A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 147-161, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200012&lng=pt&nrm=iso.

SCHMIDT, B.; STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 01-18, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v9n1/v9n1a02.pdf>.

SCHWINGEL, C. P. T. **As contribuições da Disciplina Positiva no relacionamento entre pais e filhos**: estudo de revisão integrativa da literatura. 2021. Artigo (Graduação em Psicologia), Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2021.

SOUZA, M. C. A. R.; ALMEIDA, E. O. Castigos e Disciplina Positiva: um diálogo necessário. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 10., 2016, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: Educonse, 2016. Disponível em: http://anais.educonse.com.br/2016/castigos_e_disciplina_positiva_um_dialogo_necessario.pdf.

WEBER, L. N. D. *et al.* Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2012.